UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

LEANDRO TADEU DE ANDRADE LUCENA

PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, IMPORTÂNCIA E DESEMPENHO DO SETOR AGROPECUÁRIO EXPORTADOR

JOÃO PESSOA
2021

LEANDRO TADEU DE ANDRADE LUCENA

PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, IMPORTÂNCIA E DESEMPENHO DO SETOR AGROPECUÁRIO EXPORTADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Márcia Cristina Silva Paixão

JOÃO PESSOA

2021

LEANDRO TADEU DE ANDRADE LUCENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Econômicas do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em: 08 de Setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Márcia Cristina Silva Paixão - Orientadora
(Universidade Federal da Paraíba)

_____

Prof. Adriano Firmino- Examinador
(Universidade Federal da Paraíba)

_____

Prof. Hélio Ramos- Examinador
(Universidade Federal da Paraíba)

(Assinado digitalmente em 27/09/2021 18:25)
ADRIANO FIRMINO VALDEVINO DE ARAUJO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1412731

(Assinado digitalmente em 28/09/2021 09:16)
HELIO DE SOUSA RAMOS FILHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2492048

(Assinado digitalmente em 24/09/2021 21:55)
MARCIA CRISTINA SILVA PAIXAO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1894540

Para verificar a autenticidade deste documento entre em **https://sipac.ufpb.br/documentos/** informando seu número: **12**, ano: **2021**, documento(espécie): **FOLHA**, data de emissão: **24/09/2021** e o código de verificação: **89160bab8f**

FICHA CATALOGRÁFICA

L935p Lucena, Leandro Tadeu de Andrade.
Pandemia de Covid-19 no Brasil: impactos socioeconômicos, importância e desempenho do setor agropecuário exportador / Leandro Tadeu de Andrade Lucena. - João Pessoa, 2021.
45 f. : il.

Orientação: Márcia Cristina Silva Paixão.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Exportações - Brasil. 2. Setor agropecuário - Brasil. 3. Desemprego. 4. Covid-19. I. Paixão, Márcia Cristina Silva. II. Título.

UFPB/CCSA CDU 33

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial, a meu filho. Você é a razão de todo e qualquer esforço.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por todas as graças alcançadas, por me fazer perseverar e me permitir chegar até aqui. À minha mãe Maria Da Paz, meu pai Maurício, meus irmãos e minhas sobrinhas, pelo amor sem reservas, por toda ajuda e direcionamento. Vocês são o alicerce da minha vida e a quem eu devo tudo que sou e ainda serei.

À minha querida esposa Vyviane por todo carinho, companheirismo, dedicação e incentivo. À meu amado filho José Arthur, minha fonte de garra e coragem e por quem eu tenho um amor incondicional.

Aos professores e todo corpo docente do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Paraíba, que contribuíram sobremaneira na minha formação pessoal, acadêmica e profissional, de modo muito especial a professora e orientadora Marcia Paixão, por todo seu tempo, atenção, dedicação, paciência e incentivo, sem a qual este trabalho não seria possível. Agradeço pelas valiosas contribuições, pelo apoio e por todas as oportunidades.

Por fim, a todos os amigos e pessoas que direta e indiretamente colaboraram para a finalização dessa etapa.

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico 1 – Pessoas ocupadas em emprego formal no setor privado x taxa de desemprego - 2015 – 2020 (Quantidade/mil, %)	21
Gráfico 2 – Taxa de desocupação por gênero - 2º Tri 2020 – 1º Trim 2021 (%)	22
Gráfico 3 – Taxa de desocupação por idade - 2015 – 2021 (%)	23
Gráfico 4 – Consumo da Famílias - 2019 – 2021 (Em milhares de R$)	23
Gráfico 5 – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 2019 – 2021 (%)	24
Gráfico 6 – IPCA acumulado, Metas e Projeção da Inflação – 2019 a 2024 (%)	25
Gráfico 7 – Produto Interno Bruto a preços correntes por setor - 2019 – 2021 (R$)	26
Gráfico 8 – Desempenho da Balança Comercial Brasileira - 2000 – 2020 (US$ FOB)	27
Gráfico 9 – Participação das Exportações e Importações na Corrente de Comércio brasileira - 2000 - 2020	28
Gráfico 10 – Exportações brasileiras por categoria 2000 – 2020 (%)	29
Gráfico 11– Evolução dos abates de carne bovina, suína e de frango - 2000 – 2020 (Kg/carcaça)	30
Gráfico 12 – Evolução das exportações de carne bovina - 2000 – 2020 (FOB US$)	30
Gráfico 13 – Evolução das exportações vs peso de carne bovina - 2000 – 2020 (US$ FOB e Kg)	32
Gráfico 14 – Estados produtores de Carne Bovina – 2000/2020 (US$ FOB)	32
Gráfico 15 – Principais destinos das exportações de carne bovina – 2000/2020 (US$ FOB)	33
Gráfico 16 – Evolução das exportações de carne suína e de frango – 2000-2020 (FOB US$)	34
Gráfico 17 – Principais destino das exportações de frango – 2000/2020 (US$ FOB)	36
Gráfico 18 – Principais destino das exportações de carne suína – 2000/2020 (US$ FOB)	36
Gráfico 19 – Exportações de frango: valor e peso líquido total e preço médio - 2000 – 2020 (US$ FOB, Kg líquido e US$ FOB/Kg)	37
Gráfico 20 – Exportações de suína: valor e peso líquido total e preço médio - 2000 – 2020 (US$ FOB, Kg líquido e US$ FOB/Kg)	37

LISTA DE SIGLAS

ABIEC	- Associação Brasileira dos exportadores de Carne
ABPA	- Associação Brasileira de Proteína Animal
BACEN	- Banco Central do Brasil
CEPEA	- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CMN	- Conselho Monetário Nacional
CNI	- Confederação Nacional da Indústria
EMBRAPA	- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	- Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDIC	- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
NCM	- Nomenclatura Comum do Mercosul
OMC	- Organização Mundial do Comércio
OMS	- Organização Mundial da Saúde
PIB	- Produto Interno Bruto
VEC	- Autorregressão Vetorial com Correção de Erros

RESUMO

O objetivo da pesquisa consiste analisar a importância do setor agropecuário exportador brasileiro como indutor de crescimento no contexto da pandemia de covid-19. São destacados efeitos da pandemia em indicadores socioeconômicos como taxa de desemprego, inflação, consumo das famílias e PIB, e em variáveis do comércio internacional de proteína animal, com foco em produtos de carne bovina, suína e de frango. Para tanto, foram utilizados dados secundários, do período 2000-2020, obtidos do IPEA, MDIC e IBGE, além de estatísticas da Associação Brasileira dos Exportadores de Carne (ABIEC) e informações obtidas sob a forma de pesquisa bibliográfica. Foi possível constatar que as medidas de distanciamento social adotadas para prevenção da contaminação, como o fechamento do comércio, contribuíram para a desaceleração da economia, o que implicou no aumento do desemprego. Entretanto, políticas de transferência de renda implementadas pelo governo federal corroboraram para a manutenção do consumo das famílias. A performance do setor agroexportador, por sua vez, foi um forte aliado da economia brasileira nesse contexto. O setor, que vem apresentando taxas de crescimento significativas desde o início dos anos 2000, ampliou seus resultados com a ajuda de novas parcerias comerciais com países da Ásia, que impulsionaram o mercado de carne bovina, suína e de frango. Entretanto, conclui-se que essa forte concentração também gera uma forte dependência desses mercados, uma vez que mudanças nas relações comerciais poderão implicar em queda súbita nas exportações e comprometer toda a cadeia de produção com impactos significativos no PIB brasileiro.

Palavras-chave: Exportações. Carne bovina. Desemprego. Covid-19.

ABSTRACT

The objective of the research is to discuss the importance of the Brazilian agricultural export sector as an inducer of growth in the context of the covid-19 pandemic. Effects of the pandemic on socioeconomic indicators such as unemployment rate, inflation, household consumption and GDP, and on variables of the international trade of animal protein, with a focus on beef, pork and chicken products, are highlighted. For this purpose, secondary data from the period 2000-2020, obtained from IPEA, MDIC and IBGE were used, as well as statistics from the Brazilian Association of Meat Exporters (ABIEC) and information obtained in the form of bibliographic research. It was possible to verify that the measures of social distancing adopted to prevent contamination, such as closing the trade, contributed to the economic slowdown, which resulted in an increase in unemployment. However, income transfer policies implemented by the federal government contributed to the maintenance of household consumption. The performance of the agro-export sector, in turn, was a strong ally of the Brazilian economy in this context. The sector, which has been showing significant growth rates since the beginning of the 2000s, expanded its results with the help of new commercial partnerships with countries in Asia, which boosted the beef, pork and chicken market. However, it is concluded that this strong concentration also generates a strong dependence on these markets, since changes in trade relations may lead to a sudden drop in exports and compromise the entire production chain with significant impacts on the Brazilian GDP.

Keywords: Exports. Beef. Unemployment. Covid-19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....11
1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA.....14
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....14
2.2 FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA.....17
3 METODOLOGIA.....20
4 IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL ...
.....21
5 IMPORTÂNCIA E DESEMPENHO DO SETOR AGROPECUÁRIO EXPORTADOR
.....27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40
REFERÊNCIAS.....42

1 INTRODUÇÃO

A covid-19 é uma doença infectocontagiosa causada por um vírus recém-descoberto (SARS-CoV-2) que vem causando mortes ao redor de todo o mundo. O primeiro caso foi identificado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou como pandemia os surtos simultâneos de Covid-19 em vários países. Devido à elevada capacidade de proliferação do vírus, cerca de 118 mil pessoas já tinham sido contaminadas e quase 100mil mortes já haviam sidos registradas.

No Brasil, o primeiro caso foi identificado no dia 26 de fevereiro de 2020, tendo a primeira morte registrada no dia 17 de março. Uma série de medidas, desde então, foram adotadas com o objetivo de achatar a curva de contaminação e evitar o colapso do sistema de saúde, entre elas: o uso obrigatório de máscaras e o fechamento do comércio, que se deu em vários momentos, trazendo grandes preocupações e acendendo um alerta sobre o que ocorreria com a economia após essas medidas.

Com o intuito de assegurar renda para microempreendedores individuais, trabalhadores informais e desempregados, e acesso à alimentação, em razão dos decretos que estabeleceram o fechamento do comércio e impediram a circulação de pessoas para atividades não essenciais, o governo federal promoveu, por meio de aprovação do Congresso Nacional, o pagamento de um auxílio emergencial, a transferência de renda que ficou popularmente conhecida como CoronaVoucher.

O País, devido a sua capacidade produtiva e tendo entre os principais itens exportados produtos agrícolas e agroalimentares, está diante de uma missão ainda maior que é a manutenção do abastecimento do mercado interno e externo. Nesse aspecto, o setor produtor de *commodities* representa um forte aliado econômico no combate a crise. Ele se destaca como um dos principais *players* do mercado mundial de soja, petróleo ou óleos brutos, milho, suco de laranja, algodão, minérios de ferro e proteína animal como carnes bovina, suína e de frango.

As exportações do setor agropecuário, por exemplo, corresponderam a mais de 20% da pauta das exportações e, 20,6% do PIB do Agronegócio, em 2020, sendo este desempenho uma consequência de um processo de desenvolvimento planejado que resultou em ganhos significativos de eficiência produtiva e competividade além de, um processo de elevação da renda de nações emergentes, como a China, que é um dos principais parceiros comerciais do Brasil de produtos primários.

O país apresenta dados que o garante posição de destaque no mercado internacional e ressaltam a importância da carne bovina, suína e de frango na pauta das exportações. O Brasil possui o segundo maior rebanho de carne bovina do mundo com cerca 218,2 milhões de cabeças de gado em 2020, atrás apenas da Índia (IBGE, 2020). Com uma escala de abates de bovinos superior a 22,2 milhões, 5,5 bilhões de aves e 41 milhões de suínos, estando em 5º, 9º e 19º lugares no ranking dos principais produtos exportados, em 2020 (MAPA, 2020). Nesse contexto, observa-se como é importante o comércio de proteína animal para a dinâmica das exportações, perante o efeito positivo na balança comercial, bem como, para a economia brasileira como um todo.

Assim sendo, enquanto foram adotadas medidas com o objetivo de minimizar os impactos na balança comercial com foco na importação, entre elas a redução temporária, para 0%, do imposto de importação de produtos, remédios e equipamentos no combate à doença, bem como a prorrogação da redução da alíquota de IPI para 0% sobre produtos industrializados (CNI, 2020), também foram implementadas medidas protetivas e de incentivo a setores produtivos e às exportações, incluindo mudanças na política comercial para promover um ambiente mais favorável aos negócios. A exemplo das prorrogações concedidas aos atos concessórios de drawback com data limite em 2020[1] e uma prorrogação, de três meses, do prazo de pagamento de tributos como PIS/Confins das empresas[2], além de isenção de IOF para operações de crédito de até 90 dias[3], associada à uma atuação efetiva do Bacon Central para estimular o acesso à crédito a pequenas e médias empresas[4].

Partindo desse cenário, neste trabalho são discutidos impactos socioeconômicos da pandemia de covid-19 no Brasil e o desempenho do setor agropecuário exportador dada sua relevância para a economia nacional, com foco sobre o setor de proteína animal.

---

[1] Por meio da MP 960/2020, publicada em 04 de maio de 2020 e sancionada em Lei Nº 14060/2020, em 24 de setembro do mesmo ano. O drawback consiste em um regime aduaneiro especial que possibilita a eliminação, suspenção ou restituição de tributos inerentes a compra de insumos que compõem o processo produtivo de produtos destinados ao mercado externo, possibilitando, assim, maior competitividade (Siscomex, 2021).

[2] Com estimativa de gerar R$ 80 bilhões de fluxo de caixa.

[3] Decreto 10.305, de 1º de abril de 2020.

[4] Com receita bruta anual de até R$ 300 milhões.

A justificativa para a seleção do setor está no fato de que os produtos de origem animal, sobretudo a carne bovina, são notadamente produtos que apresentam maior valor agregado, revelando importante potencial de contribuição para o PIB brasileiro entre os itens que compõem a pauta de exportações, principalmente no que se refere a *commodities*. Além do que, dada a aptidão para essa produção, que tem rendido ao País grandes avanços em eficiência produtiva, se faz relevante analisar os possíveis impactos e de que forma a pandemia causada pelo novo coronavírus tem afetado um dos segmentos com maior potencial de geração de divisas.

1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O estudo tem por objetivo geral discutir a importância do setor agropecuário exportador brasileiro como indutor de crescimento no contexto da pandemia de covid-19. Os objetivos específicos do estudo são:

a) Identificar impactos da pandemia sobre o emprego, o consumo das famílias, os preços e o Produto Interno Bruto (PIB) do País;
b) Descrever o desempenho exportador brasileiro com foco no setor de proteína animal;
c) Avaliar o setor como indutor de crescimento no período de pandemia.

O trabalho está disposto em seis seções, além desta Introdução. Na seção dois apresenta-se uma revisão de literatura teórica e empírica sobre a relevância econômica do comércio internacional. A terceira seção apresenta a metodologia de pesquisa adotada. Na quarta seção são apresentados indicadores socioeconômicos e discutidos efeitos da pandemia do Covid-19. A seção cinco descreve o desempenho do setor de proteína animal e discute sua relevância no âmbito do comércio internacional. As considerações finais são expostas na seção seis.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A busca pela identificação da força motriz que impulsiona as nações a desenvolverem o comércio entre si, tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores nos últimos séculos.

Adam Smith (1776), desenvolveu a teoria das vantagens absolutas, onde explica que um país deveria se especializar na produção do bem que é capaz de produzir com o menor número de horas trabalhadas, ou seja, com a menor quantidade de insumos, já que Smith pressupôs o trabalho como sendo o único fator de produção, considerando ainda que este seria limitado. Logo, a nação deveria se dedicar à produção de bens que apresentassem vantagens absolutas perante os demais produtores. Essa dedicação à produção de bens em que a nação fosse mais eficiente, seria capaz de gerar excedentes ao consumo interno e estes poderiam ser destinados ao comércio externo, de modo que, os ganhos obtidos poderiam ser revertidos na compra de produtos fabricados em outros países.

David Ricardo (1982), um importante economista britânico que também se propôs a explicar os motivos pelos quais os países buscavam o comércio internacional e, de que forma, tal feito seria benéfico para as nações envolvidas, identificou inicialmente que uma das razões era a possibilidade de ganhos em economia de escala de produção. (Krugman, 2015)

Ricardo desenvolveu a teoria das vantagens comparativas que consiste em atribuir aos países a possibilidade de especialização na produção de produtos em que o custo de oportunidade em produzir esse item seja inferior ao de produzir qualquer outro bem que poderia ser produzido por outra nação com maior eficiência, consequentemente, menor custo de oportunidade. Dessa forma, o país deverá se especializar na produção dos bens que apresentem vantagens comparativas em relação ao custo de oportunidade do fator trabalho para produzir esse bem.

Semelhante à teoria das vantagens absolutas, a especialização geraria excedentes que poderiam ser vendidos no mercado internacional e sua receita ser utilizada para a compra de produtos que são produzidos em outras nações com custo de oportunidade menor. Entretanto, Ricardo revela uma crítica a teoria proposta por Smith, considerando que é possível um país se especializar na produção de um bem cuja quantidade de trabalho inerente a produção seja maior caso fosse produzido por

outro país e ainda assim o comércio internacional oferecer ganhos para ambos. Porém isso só deverá ocorrer caso, a vantagem oferecida na produção desse bem seja superior a oferecida na produção de um bem cujo a quantidade de trabalho inerente a produção fosse menor. Em outras palavras, serão importados os bens em que os países não apresentarão vantagem comparativa, ou seja, o custo de oportunidade na produção será menor, e exportarão produtos que o custo de oportunidade na produção for maior, consequentemente, apresentarão vantagens comparativas.

Apesar das teorias de Smith e Ricardo apresentarem elementos antagônicos, também existem pontos de convergência. Um consenso entre as duas teorias é acerca dos benefícios gerados pela especialização da produção com o excedente sendo destinado ao comércio internacional. Além dos ganhos de escala inerentes à especialização, as transações irão gerar incrementos de renda e elevação de bem-estar entre os países envolvidos. Porém, Ricardo atribuiu como sendo dois os principais ganhos do comércio: a possibilidade de produzir indiretamente determinado produto, tendo em vista que pagaria com os recursos do excedente de venda dos itens que produz com mais eficiência; o comércio promove ganhos também no consumo, a partir do momento em que expande e promove a diversificação (Krugman, 2015).

Segundo Krugman (2015), o modelo desenvolvido por Heckscher–Ohlin é uma das teorias de maior relevância entre as teorias de comércio internacional, e inicia sugerindo uma crítica à teoria das vantagens comparativas apresentada por David Ricardo, no que tange à disponibilidade de fatores. Ou seja, para que se tenha uma visão mais fidedigna da realidade do comércio internacional, Heckscher–Ohlin consideram que outros fatores como terra e capital são tão importantes na determinação da eficiência e especialização da produção quanto o fator trabalho. Mediante a isso, enquanto o modelo de David Ricardo sugere a especialização de bens, cujo o custo de oportunidade na produção, considerando apenas o trabalho como fator de produção, seja inferior ao custo de produção dos demais produtos, ao passo que se torne mais vantajoso a importação, Heckscher–Ohlin afirmam que variáveis como a abundância dos fatores de produção e a intensidade do uso desses fatores é que irão determinar as vantagens comparativas e indicar em quais bens o país deverá se especializar. O modelo assume ainda que a tecnologia entre os países é equivalente, porém a disponibilidade entre os fatores de produção é diferente, e que a abundância poderá ser medida em termos relativos a partir da razão entre o fator

trabalho e capital, por exemplo. Sendo assim, nenhum país apresenta abundância em todos os fatores.

Para melhor entendimento, o modelo assume a possibilidade de apenas dois fatores, de modo que o produtor terá o poder de decisão em relação a proporção dos fatores que poderá utilizar. Ou seja, o produtor terá a possibilidade de utilizar uma quantidade maior do fator que tiver um custo menor. Assumindo que esse produtor terá como fatores de produção capital e trabalho, o que irá influenciar a composição desses fatores para iniciar a produção será a taxa de juros que remunera o capital e os salários da mão de obra, respectivamente.

Heckscher-Ohlin, chegaram à conclusão de que países com uma oferta relativa maior de capital tenderão a se especializar na produção e exportarão produtos que são intensivos em capital. Ou seja, os países se especializarão na produção de bens que terão abundância do fator em que o produto é intensivo. De forma semelhante ocorrerá para países que são abundantes em mão de obra. Estes se tornarão especialistas e exportarão produtos intensivos em trabalho. Porém esse comportamento tem efeitos severos na distribuição de renda, haja vista que proprietários de fatores abundantes de um país tendem a ganhar com o comércio, enquanto proprietários de fatores escassos deverão perder. Entretanto, o comércio internacional implica a convergência do preço dos fatores a longo prazo.

A teoria das vantagens comparativas reveladas (VCR), proposta por Bela Balassa (1965), visa, através de dados de preços ex-post (pós comércio), conhecer setores nos quais uma nação apresenta vantagem comparativa, não só na produção, como também na exportação. Ou seja, o autor considera que a performance relativa das exportações em uma categoria de produtos específica, retrata a vantagem comparativa revelada daquele setor analisado, permitindo assim, indicar padrões de comércio, bem como, mensurar o nível de competividade. Em outras palavras, o próprio mercado “revela” as vantagens comparativas, uma vez que, o país tenderá a se especializar na produção e exportação daquele bem que é relativamente mais eficiente.

Este modelo, embora amplamente usado, tem recebido algumas críticas no que tange a possibilidade de distorção dos resultados tendo em vista que políticas de proteção e incentivos ao comércio externo, políticas cambiais ou até mesmo barreira fitossanitárias poderão implicar em alterações na balança comercial, além de que,

embora o modelo seja capaz de revelar os padrões de comércio, o mesmo não consegue sanar os seus problemas.

As teorias aqui citadas destacam pontos fundamentais que contribuem para o entendimento do processo de desenvolvimento do setor agroexportador brasileiro, tendo em vista que sua relevância no mercado internacional de produtos cárneos se dá através de vantagens comparativas, uma vez que o custo de produção tende a ser menor do que em outros países, em razão da abundância dos fatores de produção, associada aos sucessivos avanços que permitiram ao produtor brasileiro ganhos significativos em eficiência produtiva, gerando vantagens competitivas e fortalecendo cada vez mais o setor.

Diante do aumento das trocas, acentuada a partir da segunda metade do século XVIII e impulsionada pela necessidade de diversificação de produção com o intuito de satisfazer suas necessidades econômicas, e, haja vista, a incapacidade do país em ser autossuficiente de forma eficiente, o comércio internacional ganha força e importância.

No Brasil, esse movimento só viria a ganhar força nos anos 1990 com o plano de abertura comercial com estímulos às exportações e a diminuição de tarifas associadas as importações. Entretanto, apenas a partir dos anos 2000 que o comércio exterior se intensificou e ao longo dos anos seguintes a balança comercial pôde se tornar gradativamente mais relevante com reflexos cada vez mais positivos no PIB. (FazComex, 2021)

O Brasil apresenta grande área territorial que proporciona amplas extensões de terras dedicadas ao manejo, além de favorecer a produção através do sistema de pastagens contribuindo para uma redução efetiva nos custos de produção, frente aos métodos de produção dos demais concorrentes que utilizam de forma majoritariamente ração como insumo básico. O País conta ainda com condições climáticas favoráveis e abundância em recursos hídricos, além de obter, por meio de pesquisa e desenvolvimento, ganhos sucessivos e significativos de eficiência, qualidade produtiva e economias de escala.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA

Dentre os estudos que investigam o desempenho do comércio internacional com foco em produtos de origem animal, destaca-se a contribuição de Stefanutti

(2019) que, utilizando dois modelos econométricos, Vetores Autorregressivos (VAR) e estimação das funções de Resposta aos Impulsos generalizados (FIR), analisou de que forma variáveis como preços, taxa de câmbio, capacidade produtiva e renda mundial afetaram a exportações brasileira de carne bovina no período de 2000 a 2018. Os resultados alcançados sugerem que as variáveis estudadas exerceram uma relação positiva sobre as exportações, porém tais efeitos não se mantiveram no longo prazo, refletindo uma dificuldade de manutenção de elevado nível de exportação desses produtos em razão da instabilidade das variáveis consideradas.

Rodrigues (2021), por meio do cálculo do Índice de Vantagem Comparativa Revelada Normalizada (NRCA), avaliou o nível de competividade das exportações de carne bovina comparando os players mais importantes do mercado interno e global. O intervalo de tempo que a pesquisa se propôs a analisar foi de 1998 a 2018. Os resultados obtidos indicaram uma forte elevação das vantagens comparativas do Brasil, o colocando em evidência, na medida em que o agronegócio se tornara cada vez mais relevante, chegando a corresponder a cerca de 20% do PIB e 44% das exportações no ano de 2018, ao ponto de ser considerado um dos exportadores de maior importância e de maior competividade a nível internacional. Entretanto, verificou-se que a vantagem comparativa não apresentou uma trajetória ascendente durante todo o período analisado revelando perda de vantagem comparativa em alguns anos.

Florindo e Medeiros (2015) analisaram os determinantes do crescimento das exportações e a competividade dos principais países exportadores (Brasil, Estados Unidos, Índia e Austrália) de carne bovina durante o período de 2002 a 2013. Por meio do modelo de *Constant Market Share* (CMS), demonstrou-se a competitividade do Brasil no mercado externo, revelando sua perda de competividade em determinados mercados quando analisado de forma singular como, por exemplo, países asiáticos e da União Europeia. Austrália e Estados Unidos atuaram em mercados com maiores exigências fitossanitárias e, em contrapartida, obtiveram um nível de rentabilidade mais elevado que o Brasil e Índia, que em função de não atender as exigências mínimas de sanidade, foram forçados a ofertarem seus produtos em mercados com menores níveis de exigências, porém esses mercados remuneram bem menos.

Menezes (2020) observou as mudanças ocorridas no destino das exportações de carne bovina durante o período de 2000 a 2018, ressaltando a importância de mercados novos e habituais na compra de proteína de origem brasileira. Foi

constatado que houve uma grande expansão na oferta ampliando também o mix de produtos comercializados, além de ter havido um aumento significativo da participação dos países asiáticos e africanos, de modo que levantou preocupação sobre o aumento da concentração e da dependência desses mercados, haja visto que qualquer situação de “estresse” pode ocasionar uma perda significativa do volume exportado.

Utilizando-se do modelo de Autorregressão Vetorial com Correção de Erros (VEC), Lima (2018) buscou apresentar os determinantes econômicos responsáveis pelo aumento das exportações de carne bovina entre os anos de 2005 a 2015. Especificamente, estimou-se o quanto choques de oferta e demanda podem impactar as exportações. Para tanto, foram selecionados os preços ao produtor e o estoque de carne bovina como variáveis do lado da oferta, e preços praticados no mercado interno (varejo) e taxa de câmbio real como variáveis do lado da demanda. Concluiu-se que choques no estoque de bovinos, assim como alterações no preço do varejo, resultam na redução das exportações, enquanto alterações no preço ao produtor afetam positivamente as exportações.

Em linhas gerais, os estudos apresentados corroboram para a relevância das exportações de carne bovina na pauta de exportações brasileira, assim como a contribuição do setor para o PIB do País.

O Brasil tem adquirido ao longo das últimas duas décadas significativos incrementos de vantagem comparativas contribuindo para o aumento da competividade e proporcionando a entrada para o hall dos principais exportadores. No entanto, esse crescimento das vantagens comparativas não se deu de forma contínua, de modo que, em alguns anos, o País teve que destinar seus produtos a mercados com menor potencial de retorno, especialmente em razão do não atendimento de exigências sanitárias associadas.

Mudanças importantes também foram identificadas entre os parceiros comerciais do Brasil, revelando os países asiáticos como o principal destino das exportações no período mais recente, levantando uma preocupação para o excesso de concentração.

3 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa de natureza aplicada de cunho quantitativo, tendo em vista que expõe e discute analiticamente indicadores

socioeconômicos, como taxa de ocupação e inflação, e dados de volume e receita das exportações.

O método utilizado para levantamento dos dados de exportação considerados se deu sob a forma de pesquisa bibliográfica e na base de dados ComexStat do extinto em 2019, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior (MDIC).

Para discussão sobre medidas adotadas pelo governo de manutenção e incentivo à produção e comercialização de alimentos, foram consultadas as normativas e resoluções reunidas no portal da CNI. O trabalho conta ainda com informações socioeconômicas obtidas no IPEA, IBGE, BACEN, e com dados setoriais coletados no Centro de Estudos em Economia Aplicada (CEPEA), Embrapa, Associação Brasileira dos Exportadores de Carne (ABIEC) e Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Com o objetivo de investigar o desempenho do mercado brasileiro de proteína animal voltado para o comércio externo, sobretudo, carne bovina, e as repostas do setor aos choques causados pelo covid-19, fez-se, incialmente, uma análise de dados secundários apresentados em forma de gráficos, da performance dos produtos:

a) Carne de animais de espécie bovina frescas, resfriadas ou congeladas (NCM SH4 0201 e 0202);
b) Carne de animais de espécie suína frescas, resfriadas ou congeladas (NCM SH4 0203);
c) Carne e miudezas comestíveis frescas, resfriadas ou congeladas de aves (NCM SH4 0207).

Foram avaliados indicadores como: volume exportado, preço médio das exportações, total de abates e principais parceiros comerciais, considerando-se o período de 2000 a 2020.

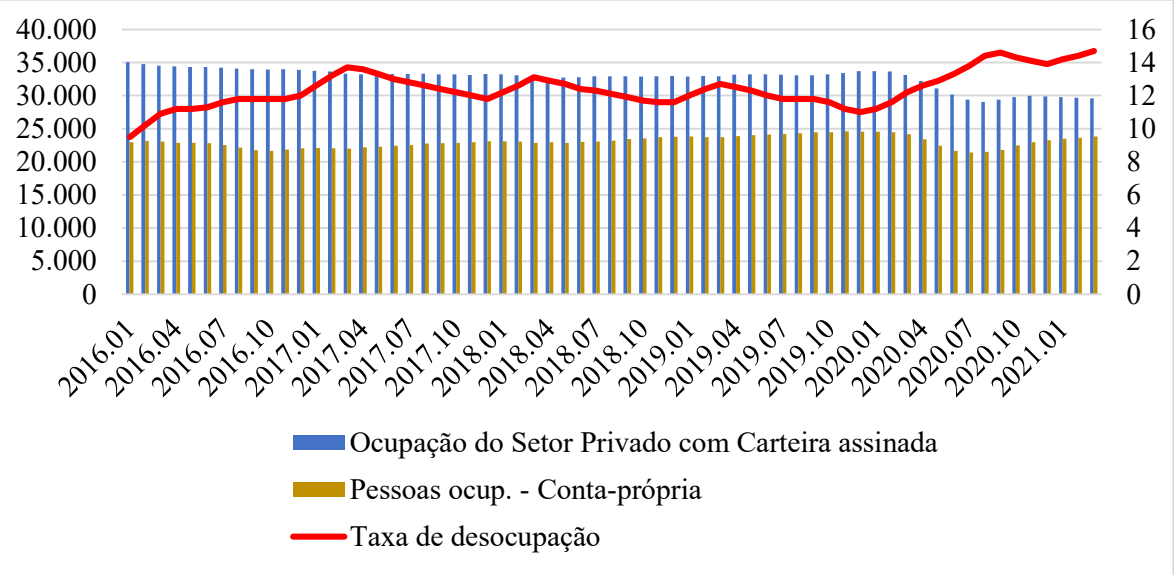
A seleção do período analisado considera a ocorrência de fatos importantes que ocorreram ao longo dos anos com o crescimento das economias emergentes, resultando em alterações na dinâmica do mercado externo pelo aumento na aquisição de produtos primários que compõem a pauta de exportações brasileiras, bem como os acontecimentos recentes gerados pela pandemia do covid-19.

4 IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

A pandemia causada pelo novo Coronavírus afetou nações de todo o mundo provocando consequências severas na economia, até mesmo de países com grande relevância no cenário mundial, a exemplo de China e Estados Unidos. O Brasil não esteve imune e vem sofrendo com os impactos negativos da pandemia em alguns indicadores.

Entre as providências adotadas pelos governantes para combater o avanço da Covid-19, esteve a determinação de *lockdowns* como medida de distanciamento social. Entretanto, com o fechamento do comércio, e, consequentemente, a redução nas vendas, a diminuição da receita nas empresas era iminente. Tudo isso acabou afetando a manutenção de empregos formais, e o que se viu, nos meses subsequentes, foi o crescimento sucessivo da taxa de desemprego, alcançando o patamar de 13,9%, em dezembro de 2020, e 14,7% em março de 2021, ou seja, logo após um ano desde o primeiro caso confirmado no Brasil, o desemprego alcançou o maior patamar dos últimos 5 anos (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Pessoas ocupadas em emprego formal no setor privado x taxa de desemprego - 2015 – 2020 (Quantidade/mil, %)

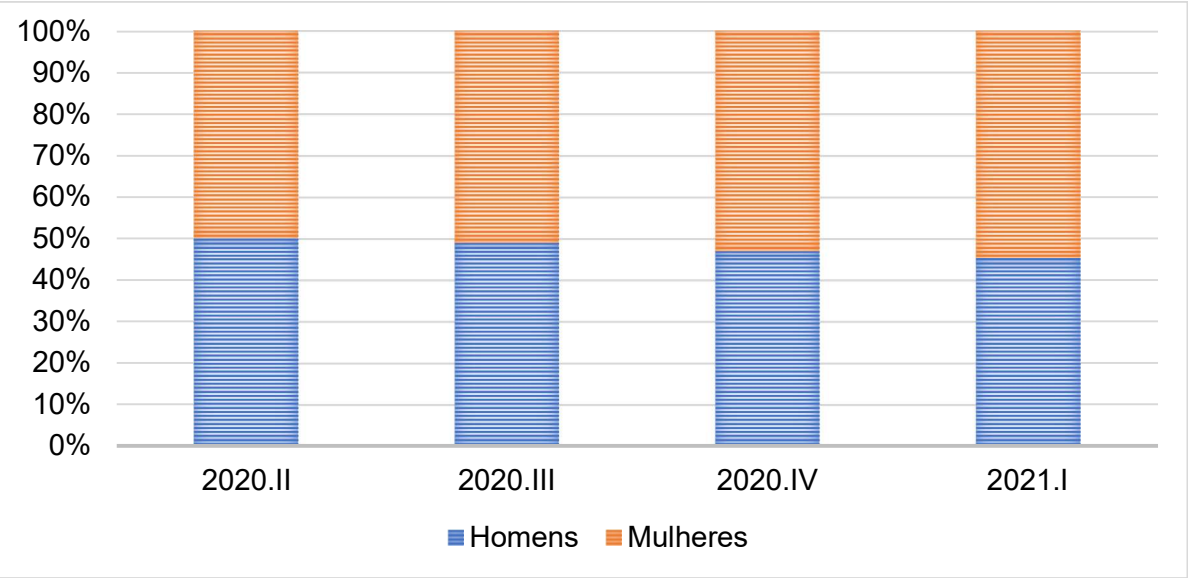


Fonte: IPEADATA (2021).

Verificou-se que, passados doze meses desde o início da pandemia, mais de 3,5 milhões de pessoas perderam seus empregos de carteira assinada, e cerca de 1,3 milhões de trabalhadores informais, perderam sua principal fonte de renda. (IPEADATA, 2021). Além do mais, durante o período que abrange a pandemia, as

mulheres foram as que mais sofreram demissões, apresentando um aumento de 9% na taxa de desocupação (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Taxa de desocupação por gênero - 2º trim. 2020 – 1º trim. 2021 (%)



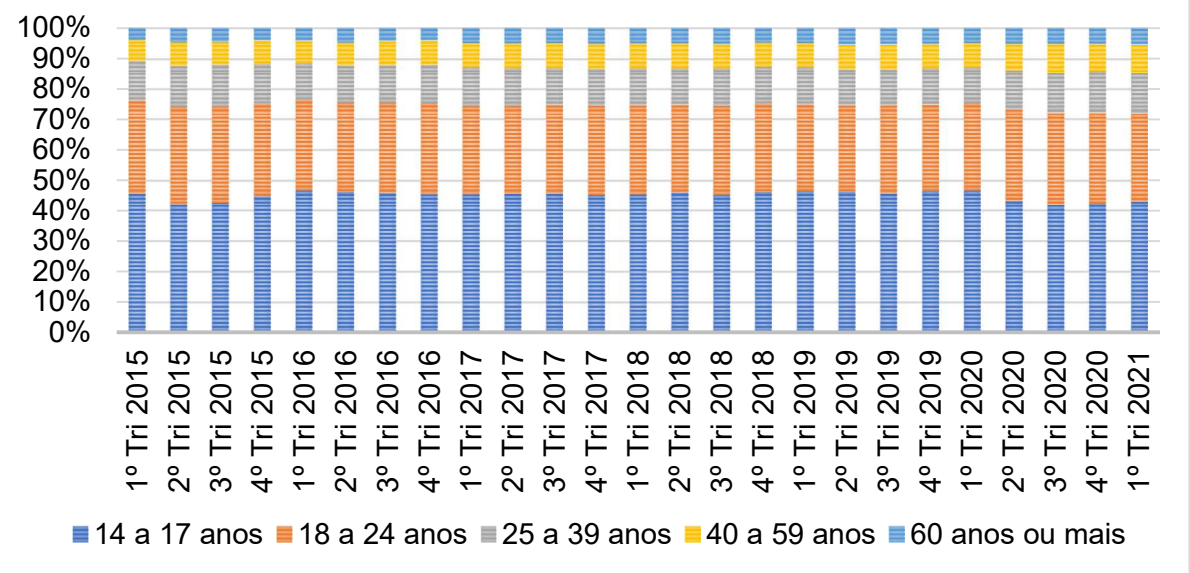
Fonte: IBGE (2021).

Trabalhadores com faixa etária entre 25 e 39 anos foram os mais prejudicados, com um aumento de 31% na taxa de desocupação, seguidos dos trabalhadores com faixa etária 40 a 59 anos e 60 anos ou mais, que apresentaram um incremento de 29% e 30%, respectivamente (Gráfico 3).

Estudo da FGV aponta uma redução na renda individual do trabalhador brasileiro em aproximadamente 20%, mesmo com os programas de transferência de renda implementados pelo atual governo, o menor índice já registrado desde o início da série histórica (2012). Esse efeito é ainda mais preocupante, tendo em vista a medida de incentivo ao consumo, denominada, auxílio emergencial, tende a ser limitada, o que fará com que os níveis de renda caiam ainda mais.

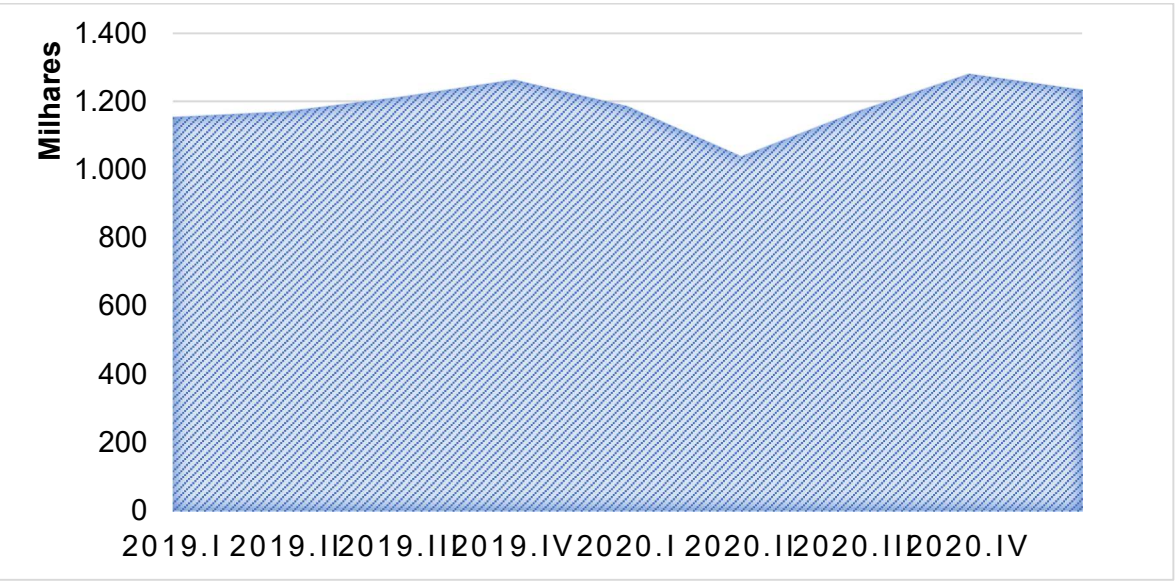
O consumo das famílias também apresentou diminuição durante o período da pandemia, porém, voltou a crescer a partir do 3º trimestre de 2020, impulsionado pelas políticas de transferência de renda que garantiu, através do auxilio emergencial, recurso necessário para manutenção da alimentação, entre outras coisas, perante ao cenário de maior imprevisibilidade, diante da determinação dos decretos que fecharam o comércio, contribuindo para o fechamento definitivo de algumas empresas e desligamento dos seus colaboradores (Gráfico 4).

Gráfico 3 – Taxa de desocupação por idade - 2015 – 2021 (%)



Fonte: IBGE (2021).

Gráfico 4 – Consumo da Famílias - 2019 – 2021 (Em milhares de R$)



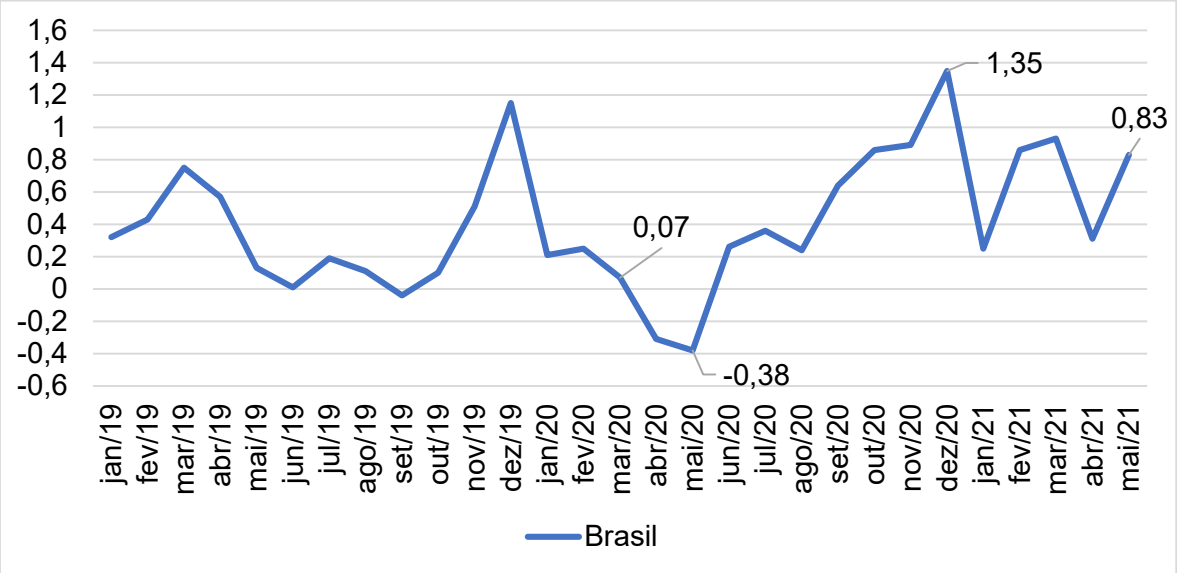
Fonte: IBGE (2021).

Assim como outros indicadores, o controle sobre a inflação proporciona benefícios para a economia, uma vez que a previsibilidade, sobretudo, sobre o poder compra, proporciona a possibilidade de planejamento, que aumenta a confiança da população. Nesse intuito, o governo adotou, desde 1999, o regime de metas de inflação que é definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), ficando sob a

responsabilidade do Banco Central (BACEN) de executar medidas para o controle inflacionário. A meta de inflação está relacionada ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e teve como meta de 4%, para 2020. Entretanto, encerrou o ano de 2020 com a inflação acima da meta em 0,52%, impactado, principalmente, com o aumento no preço dos alimentos e bebidas e das despesas associadas a habitação. Há ainda, outros indicadores que auxiliam na medição e acompanhamento da inflação, e não são produzidos, necessariamente, pelo IBGE. O Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), é calculado pela fundação Getúlio Vargas e serve de parâmetro para reajustes de contratos de aluguel.

No Gráfico 5 é apresentada a evolução do IPCA durante o período de janeiro de 2019 a maio de 2021. É possível perceber a tendência de queda que o indicador apresentava no 4º trimestre da 2019 ao 1º trimestre de 2020, até surgirem os primeiros casos, seguidos das medidas de proteção e prevenção ao Covid-19 a partir do 2º trimestre de 2020, quando se identifica uma variação positiva do IPCA, contribuindo para que ao final de 2020 o índice alcançasse 4,52% no acumulado.

Gráfico 5 – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 2019 – 2021 (%)

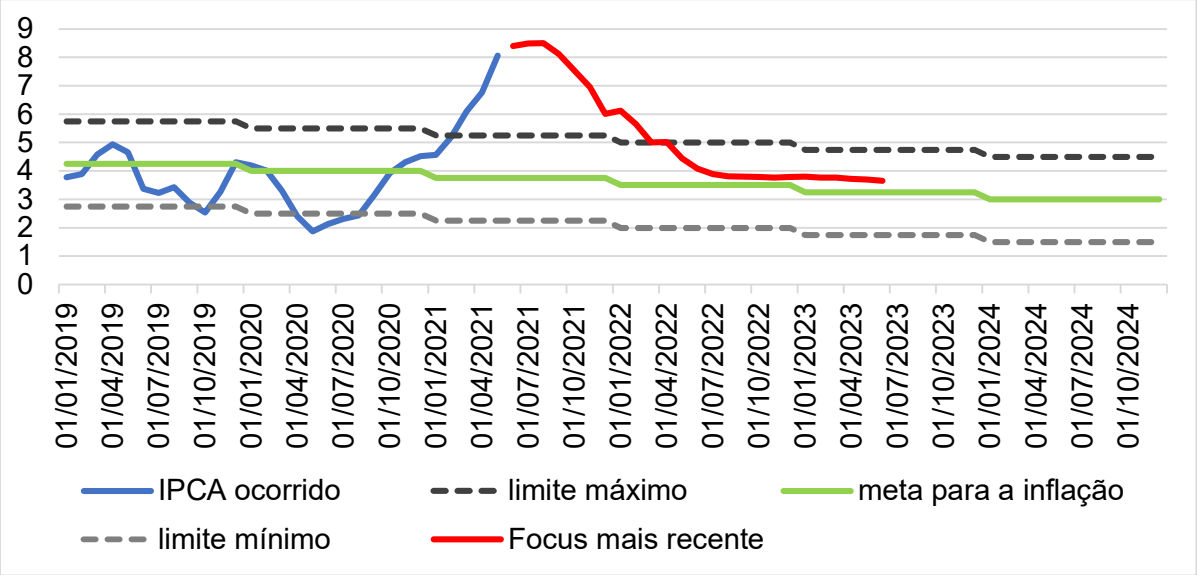


Fonte: IBGE (2021).

As metas de inflação já foram projetadas até o ano de 2024 e servirão de âncora para as medidas de política monetária. Espera-se que em junho de 2024 a inflação esteja em 3%, sendo atribuídos 1,5% de limite, tanto para mais como para menos. Entretanto, o índice continua a subir, exigindo do BACEN, medidas mais contundentes

para o controle da inflação que encerrou maio de 2021 com IPCA medindo 8,06%. (BACEN, 2021). No Gráfico 6 é possível visualizar a trajetória do IPCA, bem como, as metas e limites da inflação, e conta ainda com a projeção até junho de 2023 do Boletim Focus do Banco.

Gráfico 6 – IPCA acumulado, Metas e Projeção da Inflação – 2019 a 2024 (%)



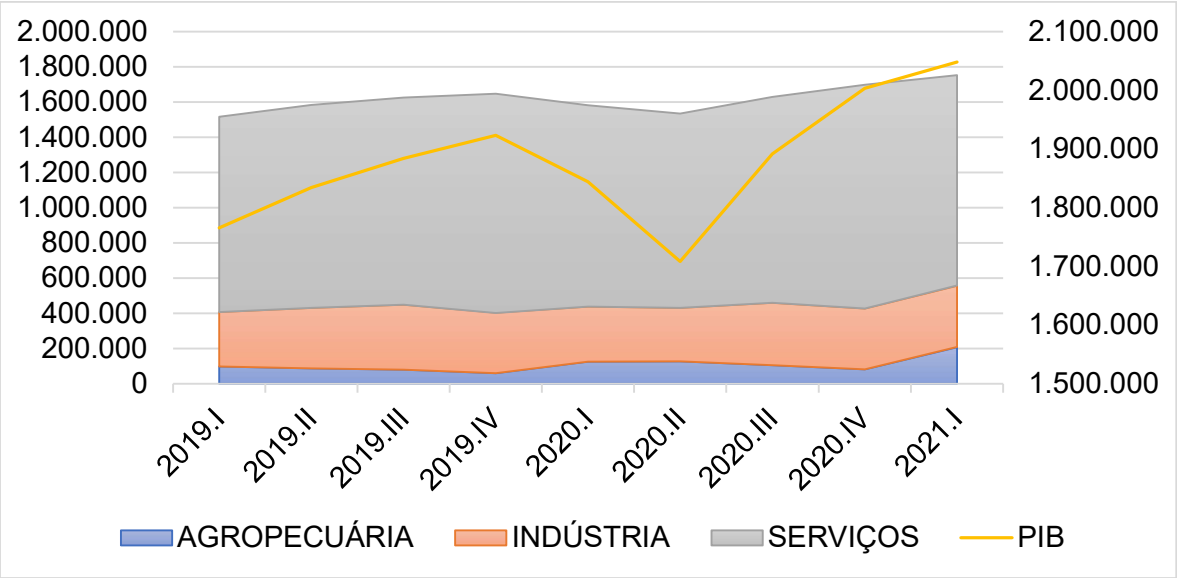
Fonte: BACEN (2021).

O Produto Interno Bruto (PIB), é um dos indicadores mais importantes, pois mede o desempenho da economia como um todo, ou de determinado setor ou região. O cenário global está sob constante vigilância em função do momento atual que colocou à prova a capacidade de se manter produtivo frente a um cenário de tamanha incertezas e riscos. Ou seja, impedir a queda do PIB e, sobretudo, crescer, é fundamental para o Brasil garantir o bem-estar da população, tendo em vista que o PIB em crescimento é sinal de que as empresas irão produzir e gerar receita, o que implicará em novos postos de trabalho, contribuirá para o aumento da renda, que resultará em consumo, dando continuidade ao ciclo virtuoso, entre outras coisas.

No Gráfico 7 é possível visualizar o desempenho do PIB entre os setores produtivos, e a trajetória de crescimento apresentado ao final do quarto trimestre, que demostra a reação da economia brasileira perante os impactos gerados pelos coronavírus destacados acima. O setor de serviços, apresenta a maior participação e tem papel fundamental por ser o setor que mais emprega. O setor da indústria é o que

mais agrega valor e a agropecuária, o que mais gera divisas, tendo em vista que a maior parte da produção é destinada ao mercado externo.

Gráfico 7 – PIB a preços correntes por setor - 2019 – 2021 (R$)



Fonte: IBGE (2021).

Nota-se que o setor de serviços foi o primeiro a reagir, apresentando crescimento a partir do 3º trimestre de 2020. Porém, entre os setores analisados, foi o que apresentou a menor taxa de crescimento durante a pandemia, com cerca de 8%. O setor da indústria, por sua vez, demonstrou crescimento de 15% para o mesmo período, restando para a agropecuária a maior reação em termos percentuais. O setor, que apresentou uma queda de 34% no fechamento de 2020, reagiu no 1º trimestre de 2021 garantindo um crescimento de 64% quando comparado o segundo trimestre de 2020 ao primeiro trimestre de 2020. A indústria tem sido a principal protagonista na recuperação econômica brasileira.

5 IMPORTÂNCIA E DESEMPENHO DO SETOR AGROPECUÁRIO EXPORTADOR

Nesta seção serão apresentadas e discutidas estatísticas do comércio externo agropecuário com destaque para o desempenho das exportações de proteína animal.

Foi partir do início do século 21 que o Brasil passou a se destacar em um dos cenários de maior competividade do mercado internacional. A abundância em fatores de produção no manejo do gado, associados ao aprimoramento de técnicas,

resultaram ao Brasil ganhos de produtividade significativos, elevando a importância da pecuária para a economia brasileira que, em 2019 e 2020, obteve uma participação no PIB de 6,2% e 8,1%, respectivamente, apresentando um crescimento de 29%. (CEPEA, 2020).

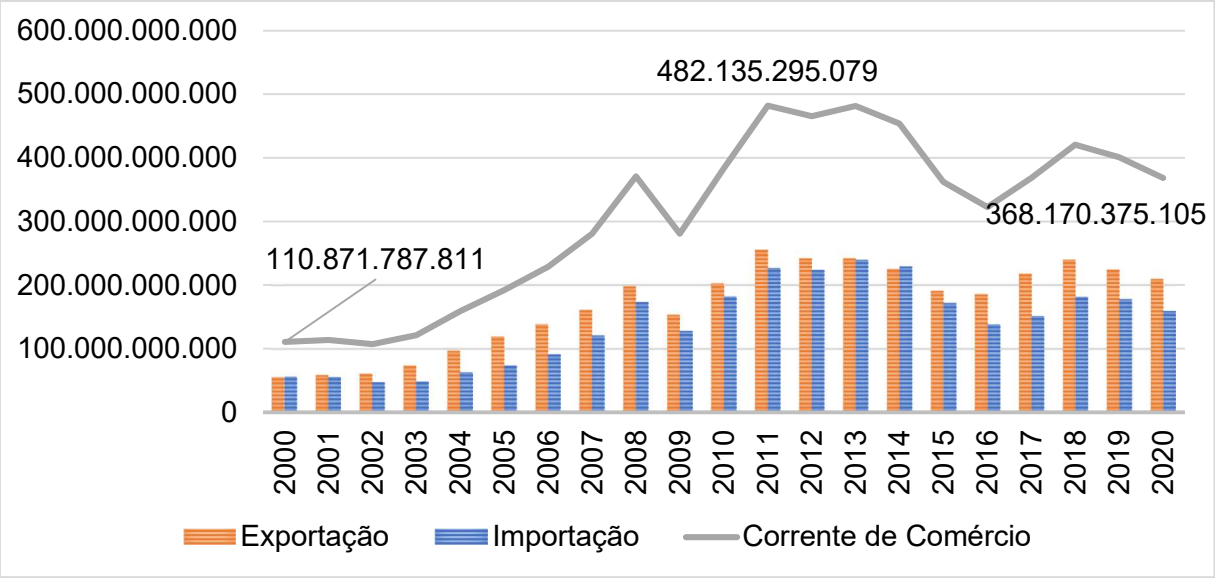
Entre os principais *players* do setor destacam-se a JBS, BRF, Minerva e Marfrig, que faturaram, apenas em 2020, R$ 31,7 bi, R$ 22,2 bi, R$ 11,5 bi e R$ 18,6 bilhões, respectivamente (INFOMONEY, 2021).

O Gráfico 8 exibe a evolução da corrente de comércio. Também conhecido como fluxo do comércio exterior, a corrente de comércio consiste no somatório do resultado das exportações e importações.

É possível verificar o crescimento acentuado do fluxo de comércio a partir de 2002 mantendo-se em crescimento até o 2008. Após cair cerca de 24% em 2009, a corrente de comércio volta a crescer atingindo, em 2011, o melhor resultado do período analisado com cerca de US$ 482 bilhões. No mesmo ano as exportações alcançar o seu maior patamar com aproximadamente US$ 255 bilhões. A corrente de comércio fecha 2020 em queda, consequência de reduções nas exportações e importações quando comparadas ao ano anterior.

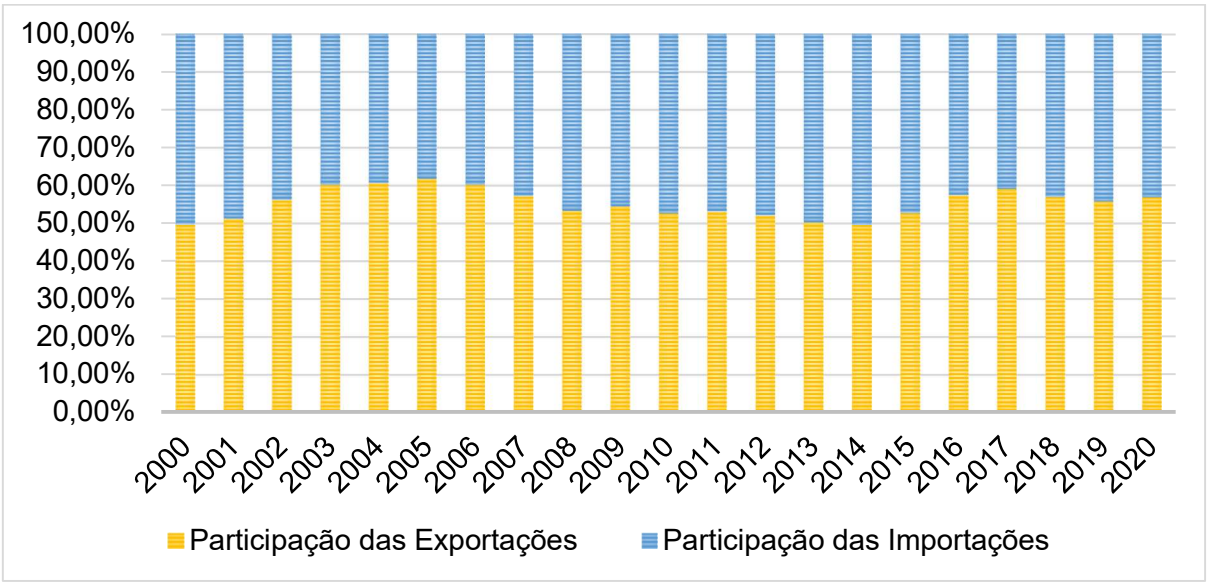
A predominância da participação das exportações em relação às importações se constata em praticamente todo o período analisado (Gráfico 9), com exceção dos anos 2000 e 2014, em que as importações representaram cerca de 50,39% e 50,46, respectivamente, das transações externas ocasionando, nos mesmos anos, déficits da balança comercial na ordem de US$ 872 Milhões e US$ 4 bilhões.

Gráfico 8 – Desempenho da balança comercial brasileira - 2000 – 2020 (US$ FOB)



Fonte: MDIC (2021).

Gráfico 9 – Participação das Exportações e Importações na Corrente de Comércio brasileira - 2000 - 2020

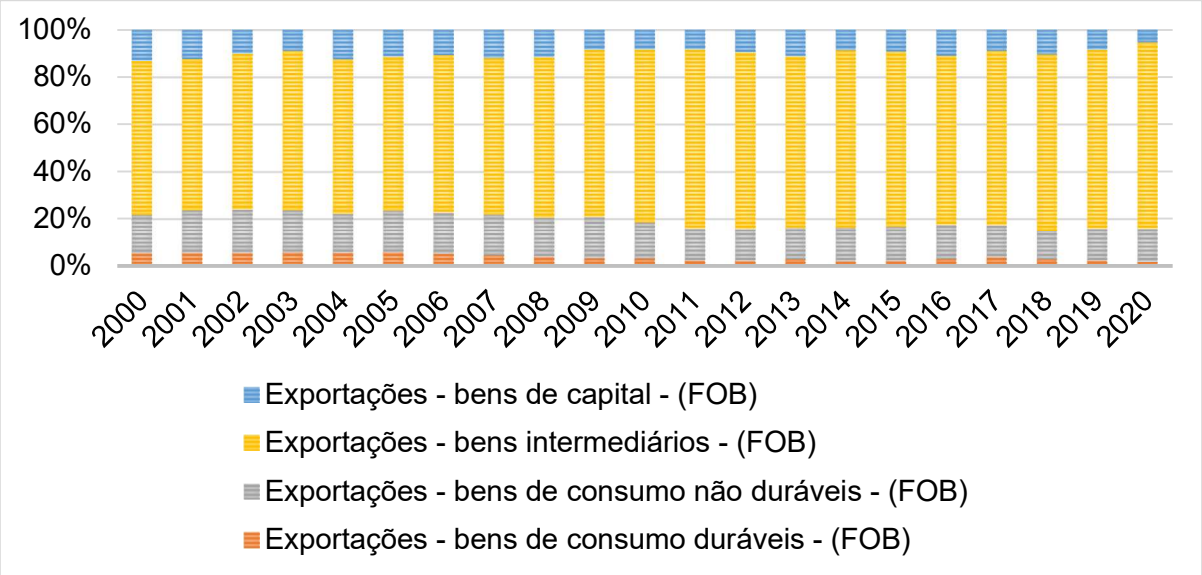


Fonte: MDIC (2021).

Entre as categorias, a exportação de bens intermediários, além de ser a categoria de maior importância, em termos de volume, foi a única que apresentou crescimento, com o aumento de 16% quando comparado o resultado obtido de 2000 com 2019, como é possível observar no Gráfico 10. Em outras palavras, cerca de 70% do volume exportado é de bens intermediários, enquanto bens de consumo não duráveis representa 16%. Já bens de capital e bens de consumo duráveis, correspondem a cerca de 10% e 4%, respectivamente. Com exceção de bens

intermediários, todas as categorias apresentaram decrescimento, com destaque para bens de consumo duráveis que recuou pouco mais 53% de sua participação nas exportações.

Gráfico 10 – Exportações brasileiras por categoria 2000 – 2020 (%)

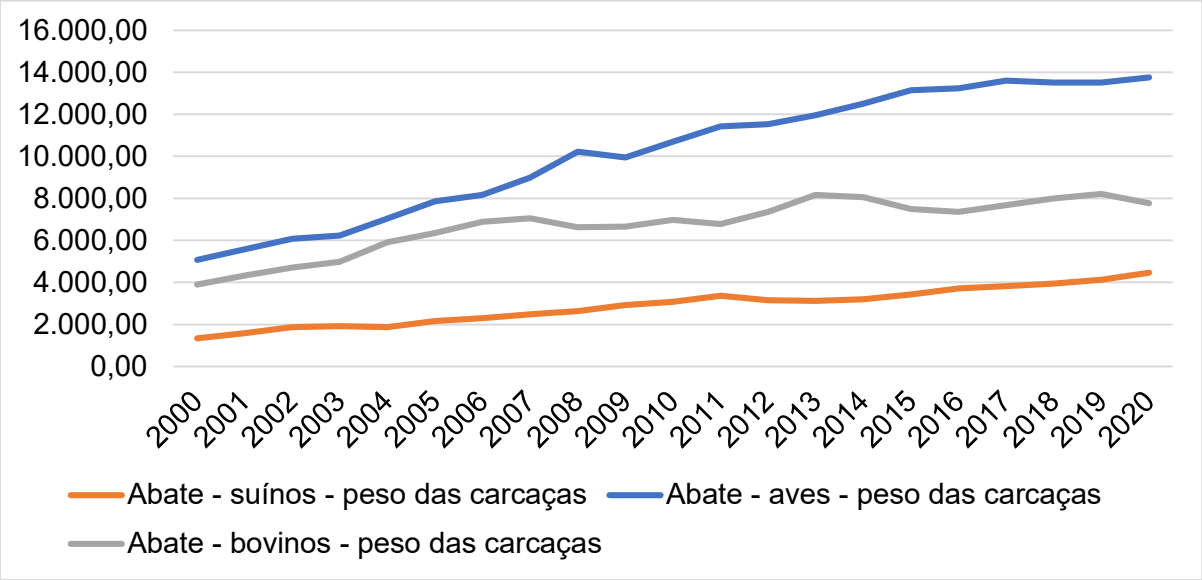


Fonte: MDIC (2021).

Como já mencionado o Brasil se destaca no cenário internacional como principal produtor e exportador de proteína animal, correspondendo a cerca de 20% do mercado internacional de carne, seja ela bovina, suína ou de frango, e exportando para mais de 150 países. Movimentou, em 2016, mais de US$ 14 bilhões em exportações gerando mais de 6,7 milhões de empregos (Embrapa 2016).

No Gráfico 11 é possível observar a trajetória ascendente do total de abates de carne bovina, suína e de frango no período de 2000 a 2019. O maior volume abatido ficou por conta da carne de frango, no entanto, o crescimento mais expressivo ocorreu com a carne suína com cerca de 211%, enquanto frango e carne bovina apresentaram crescimentos de 166% e 111%, respectivamente.

Gráfico 11– Evolução dos abates de carne bovina, suína e de frango - 2000 – 2020 (Kg/carcaça)

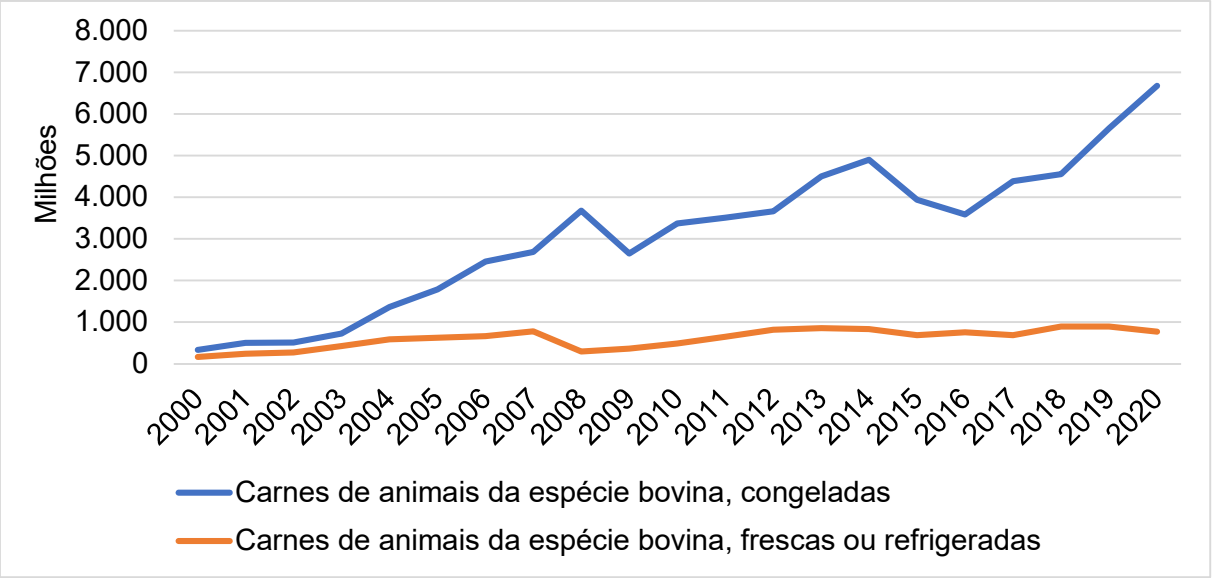


Fonte: MDIC (2021).

Com base nos dados obtidos do MDIC (2021), o Gráfico 12 ilustra bem a trajetória de crescimento das exportações de carne bovina congeladas e refrigeradas, com destaque para carne bovina congelada. Tendo em vista haver uma divisão dentro do setor de carnes que categoriza as carnes de acordo com o seu tipo, podendo estas ser refrigeradas ou frescas, congeladas, in natura, desossadas ou até mesmo vivas, são apresentados os resultados das categorias que apresentam maior representatividade.

Esse setor, que no ano de 2000 exportou pouco mais de US$ 500 milhões, ultrapassou US$ 5 bilhões em 2013, obtendo o seu melhor desempenho em 2019 com US$ 6,5 bilhões em exportações. Um crescimento vertiginoso que ultrapassa 1200%, mesmo diante de cenários de queda como ocorreu em 2009 e 2014.

Gráfico 12 – Evolução das exportações de carne bovina - 2000 – 2020 (FOB US$)



Fonte: MDIC (2021).

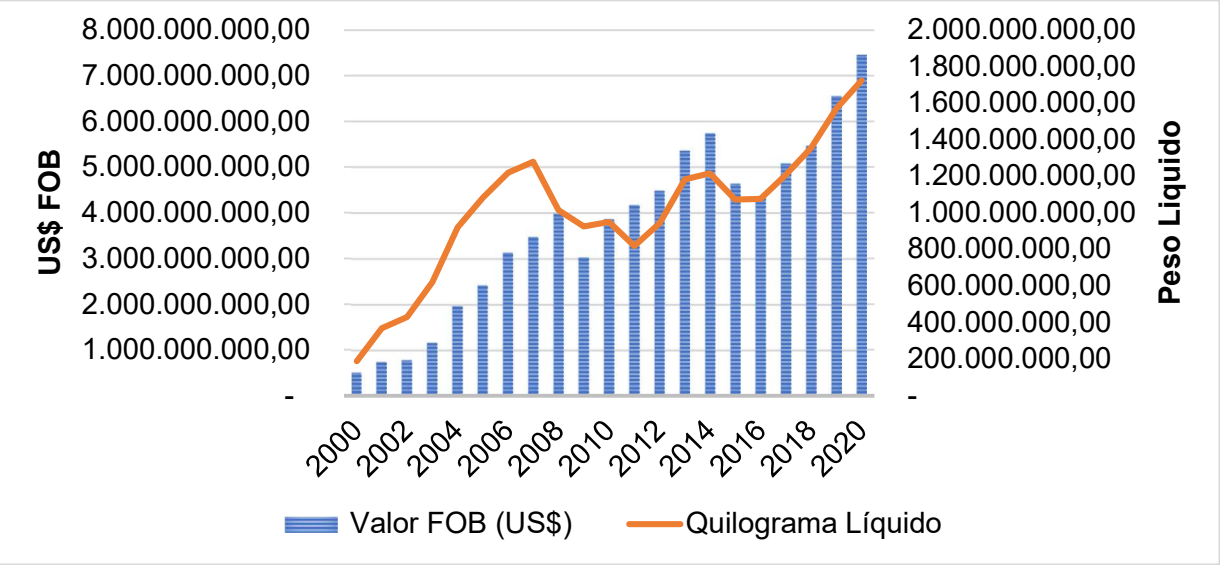
A crescente das exportações de carne bovina, ocorrida a partir dos anos 2000, coloca o Brasil em posição de destaque no cenário internacional. É possível destacar dois momentos importantes nessa trajetória. A primeira etapa, que ocorre a partir de 2001, se destaca pelo aumento da capacidade produtiva, principalmente, na parcela de produção que é dirigida ao mercado externo. Até o final da década de 1990, a maior parte da produção de carne bovina era destinada ao mercado interno. A necessidade de reformulações no seu processo produto capazes de atender as exigências do mercado internacional proporcionaram ao setor um ganho de eficiência que foi refletido no aumento da capacidade produtiva.

O Brasil dá um salto no volume exportado de aproximadamente 188 toneladas em 2000, para cerca de 1.3 mil toneladas de carne bovina congelada, frescas ou resfriadas no ano de 2007, um crescimento acima de 500%. Entretanto, o preço médio das exportações não cresce na mesma velocidade que o volume quando analisado os anos de 2000 a 2007, uma forte característica do setor, que devido à alta competitividade oferece aos produtores margens de lucro relativamente baixas.

Com a rentabilidade mais baixa, associados a problemas fitossanitários ocorridos entre 2006 e 2009, além da crise financeira mundial ocorrida em 2008, o setor se retrai, como consequência, o volume das exportações cai nos anos seguintes. O segundo momento se dá a partir dos anos de 2010 com o aumento do preço médio das exportações a uma taxa superior a taxa de crescimento do volume exportado, como é possível constatar no Gráfico 13. Isso se deu após adequações no processo

de fabricação que garantiram ao Brasil vantagens sanitárias que foram convertidas em vantagens competitivas.

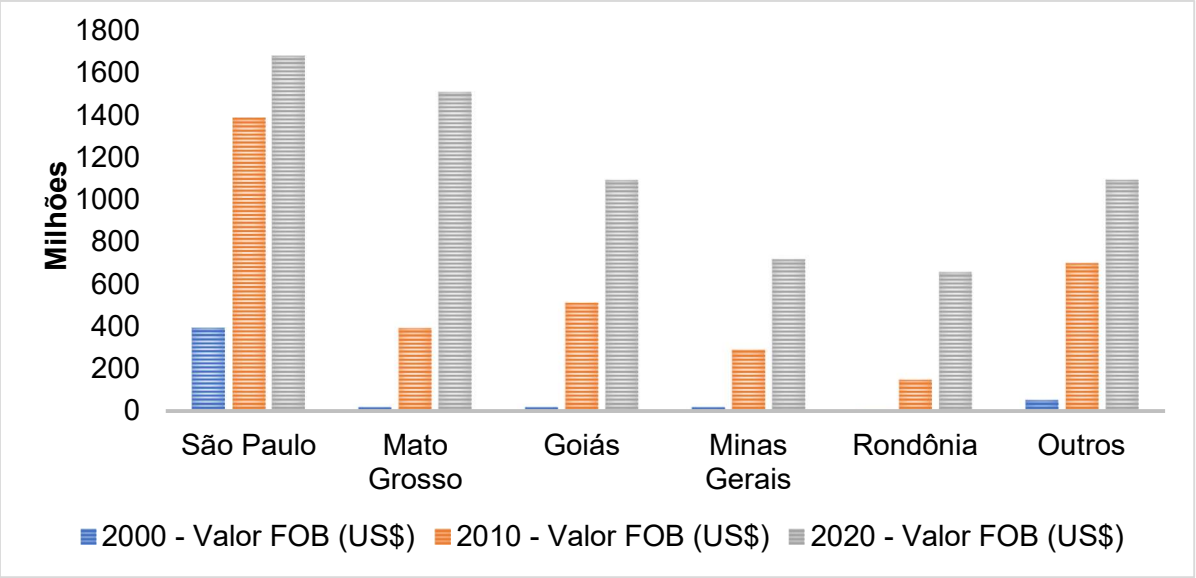
Gráfico 13 – Evolução das exportações vs peso de carne bovina - 2000 – 2020 (US$ FOB e Kg)



Fonte: MDIC (2021).

De acordo com o ComexStat, cinco estados detém a hegemonia no tocante a produção de carne bovina do país (Gráfico 14), havendo apenas a alternância entre o posicionamento dos mais representativos, com exceção de São Paulo que se manteve como o principal produto de carne bovina nos anos 2010 e 2019, em que produziu o equivalente a 36% e 23%, respectivamente, de toda a proteína derivada de carne bovina produzida no país. É possível perceber ainda que, o aumento de produtividade presente nos demais estados, contribuiu para que houvesse uma sutil desconcentração, de modo que estados como Mato Grosso, por exemplo, apresentasse taxa de crescimento de aproximadamente 80% em sua produção.

Gráfico 14 – Estados produtores de carne bovina – 2000/2020 (US$ FOB)

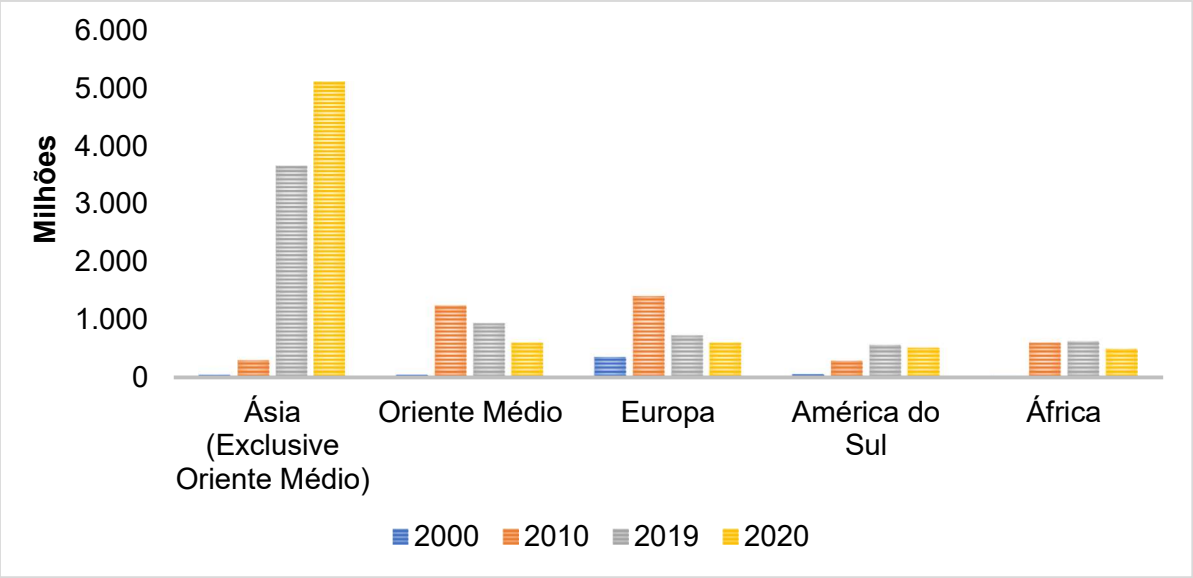


Fonte: MDIC (2021).

O Brasil conta com parceiros comerciais importantes, como a Europa, América do Norte e União Europeia que somados absorviam cerca de 60% de todo o volume exportado no ano de 2000. Comportamento semelhante é verificado durante toda a primeira década e a metade da segunda década do período analisado. Com a ascensão do mercado da China, o mercado Asiático torna-se o principal parceiro comercial de proteína animal do Brasil. De acordo com os dados obtidos através do MDIC 2020, apenas em 2019, a China e Hong Kong absorveram cerca de 41% e 11%, respectivamente de toda carne bovina fresca, refrigerada ou congelada brasileira destinada ao mercado internacional.

No Gráfico 15 são apresentados os principais destinados das exportações de carne bovina produzidas pelo Brasil classificados através do desempenho de 2020. Nota-se que, com exceção da Ásia, que obteve um crescimento bastante significativo na demanda por carne bovina brasileira, apresentando um crescimento superior a 1.200%, comparando 2019 a 2020, os demais blocos econômicos que mais transacionam mercadorias com o Brasil, apresentaram queda.

Gráfico 15 – Principais destinos das exportações de carne bovina – 2000/2020 (US$ FOB)

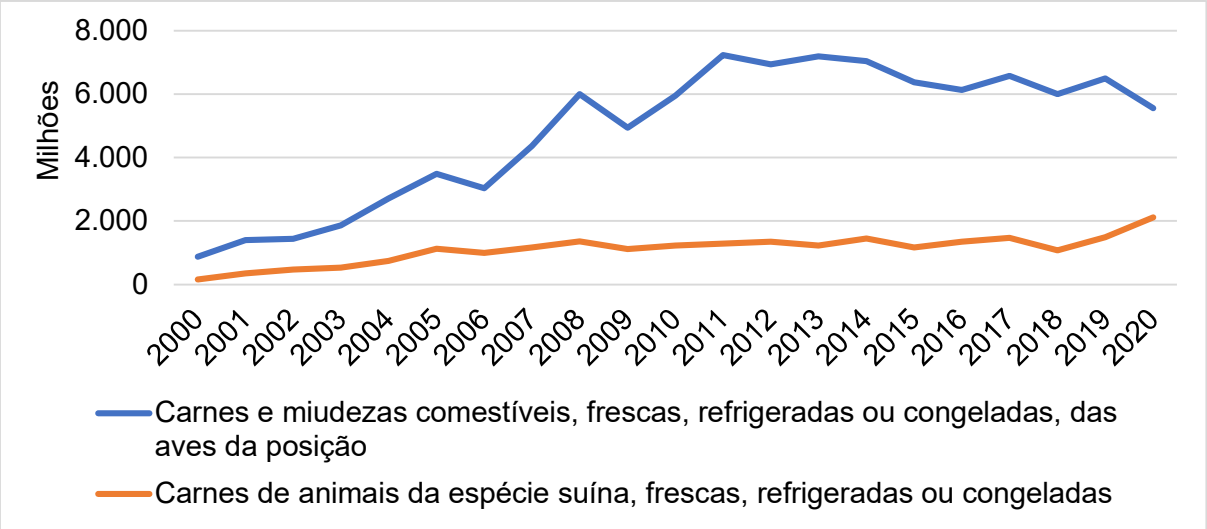


Fonte: MDIC (2021).

O mercado brasileiro nos segmentos de aves e suínos também apresentam grande relevância no cenário internacional. Segundo a Embrapa, o Brasil é o terceiro maior produtor de frango do mundo, em que cerca de 68,1% da sua produção é destinada ao mercado interno, enquanto 31,9% abastecem o mercado internacional. Mesmo destinando apenas pouco mais de um terço do que foi produzido em 2019, foi o maior exportador de carne de frango do mundo. Já no que se refere a carne suína, o país ocupa a quarta colocação em volume exportado e capacidade de produção, expedindo para o mercado externo apenas 16% de tudo que produziu no mesmo ano.

Embora apenas uma parcela pequena ainda seja convertida para abastecimento do mercado externo, o país apresenta crescimento significativos nas exportações dessas duas proteínas. Pelo Gráfico 16, é possível constatar o avanço expressivo de mais de 500% nas exportações de frango e pouco mais de 1200% para carne suína, no período analisado.

Gráfico 16 – Evolução das exportações de carne suína e de frango – 2000-2020 (FOB US$)

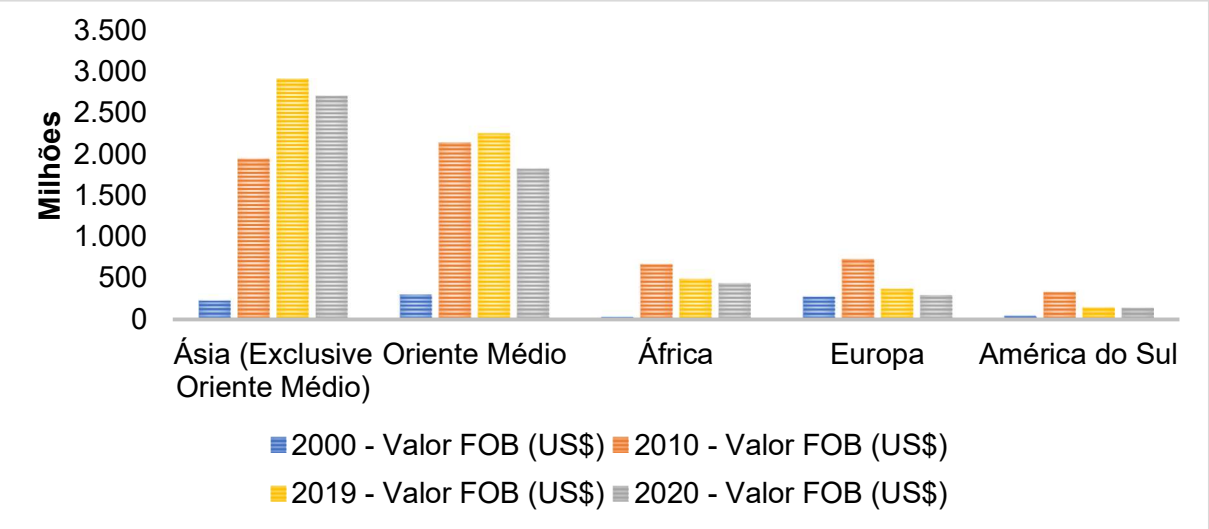


Fonte: MDIC (2021).

Semelhante às exportações de carne bovina, o principal destino do frango e da carne suína produzidas pelo Brasil são destinadas principalmente à Ásia (Gráfico 17). O continente se destaca pela sua hegemonia diante da capacidade de compra da proteína animal brasileira. Em 2020, o continente asiático absorveu cerca de 47% de toda exportação de frango, com destaque para a China, Japão e Hong Kong que demandaram cerca de 23%, 12% e 4,3% de tudo o que foi exportado, respectivamente. A concentração e dependência do continente asiático para as exportações de carne suína é ainda maior.

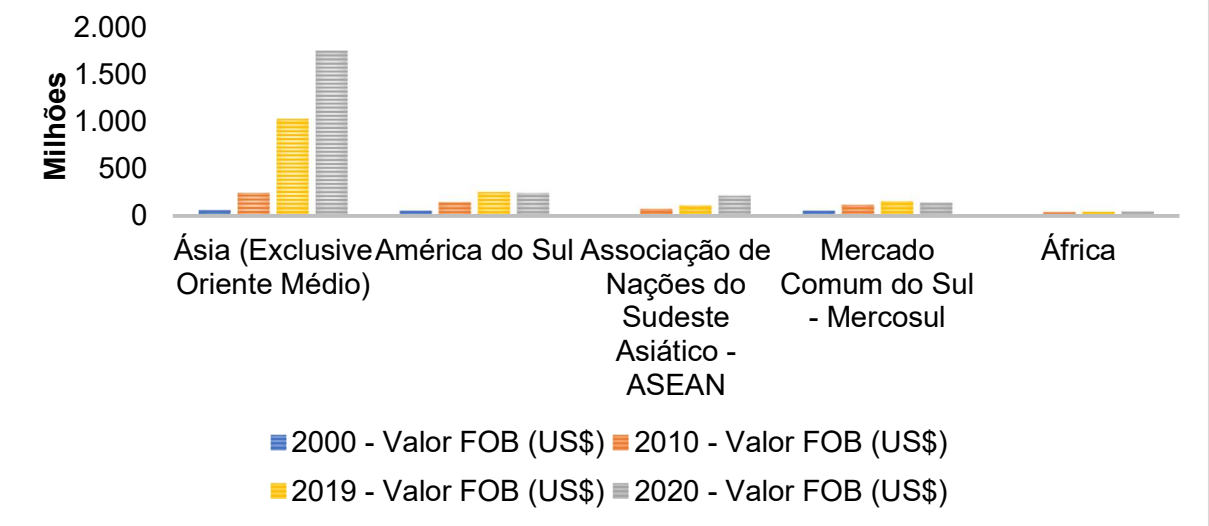
Em outras palavras, aproximadamente 70% de tudo o que foi produzido com objetivo de atender ao mercado externo, para o mesmo ano, foi comprado, principalmente, pela China, Hong Kong e Singapura, com cerca de 58%, 11% e 5,9%, de participação cada. A supremacia asiática em relação ao mercado de proteína animal dita os termos não só do mercado externo, bem como, no mercado interno, uma vez que os preços praticados no mercado interno são impactados diretamente pelo desempenho das relações de comércio internacional do Brasil com os países citados acima. Reflexo do aumento no consumo com o avançar da vacinação, bem como o aumento de casos de peste suína africana que, há mais de três anos, vem dizimando os estoques de animais na China. Estima-se que cerca de 60% de todo o plantel da China foi comprometido, contribuindo para o crescimento das importações do país.

Gráfico 17 – Principais destino das exportações de frango – 2000/2020 (US$ FOB)



Fonte: MDIC (2021).

Gráfico 18 – Principais destino das exportações de carne suína – 2000/2020 (US$ FOB)

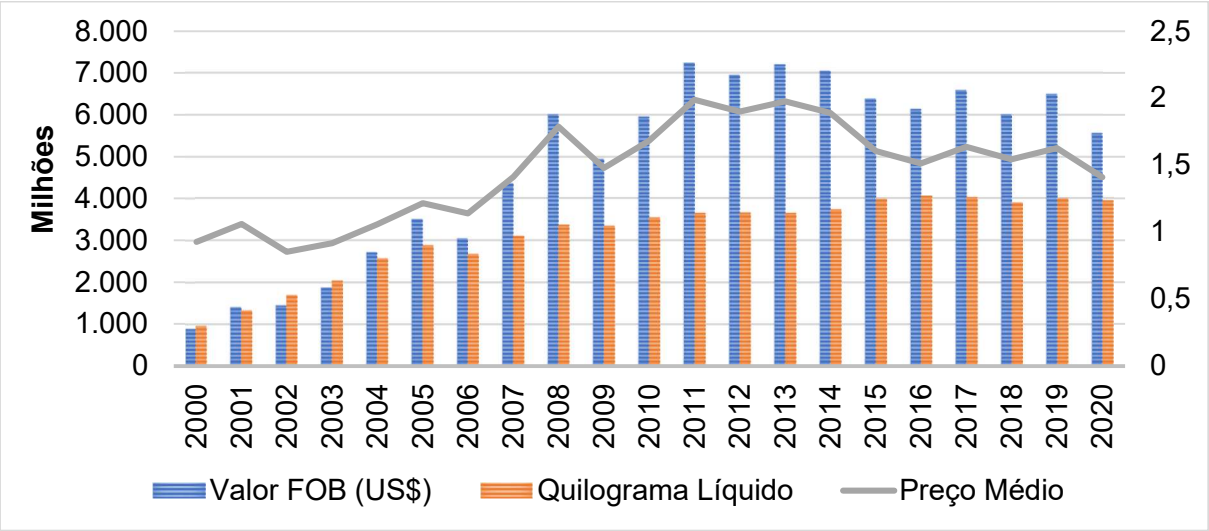


Fonte: MDIC (2021).

Vale salientar também que, o desempenho das exportações de frango em 2020 caiu nos principais parceiros comerciais, com destaque para o Oriente médio apresentando uma queda de 19% no volume exportado quando comparado ao desempenho de 2019. Comportamento semelhante pode ser verificado no mercado de cortes suíno, com exceção, da Asia que obteve um crescimento vertiginoso superior a 70%.

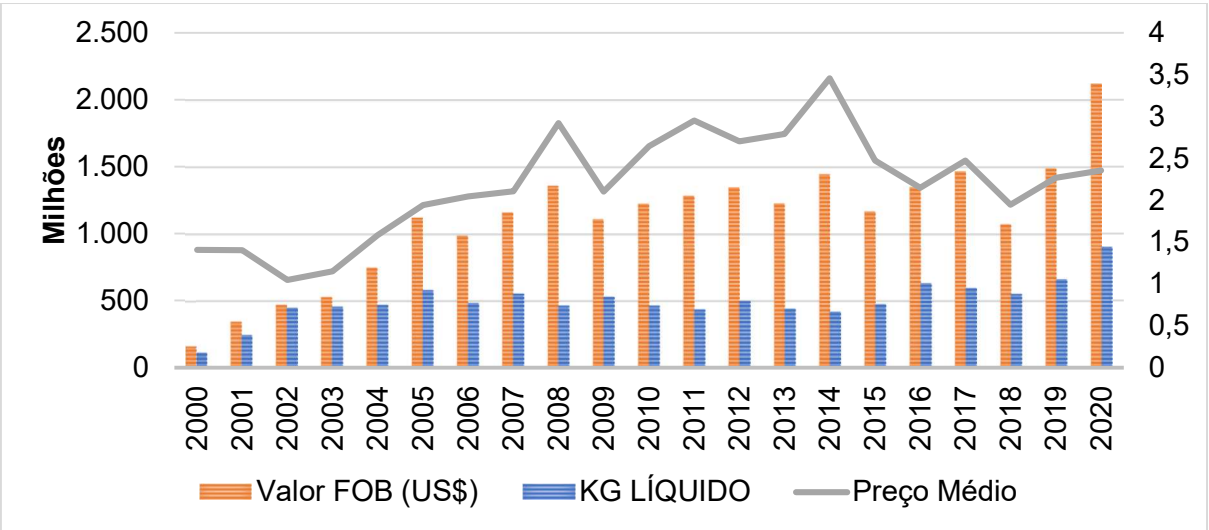
Nos Gráficos 19 e 20 são apresentadas a trajetória das exportações de frango e de carne suína, em valor e peso e o preço médio das transações. O preço médio é calculado a partir da divisão do valor total das exportações pelo peso.

Gráfico 19 – Exportações de frango: valor e peso líquido total e preço médio - 2000 – 2020 (US$ FOB, Kg líquido e US$ FOB/Kg)



Fonte: MDIC (2021).

Gráfico 20 – Exportações de suína: valor e peso líquido total e preço médio - 2000 – 2020 (US$ FOB, Kg líquido e US$ FOB/Kg)



Fonte: MDIC (2021).

Diante de um cenário repleto de incertezas, que acometeu pessoas físicas e jurídicas de todo o mundo, a preocupação acerca das consequências do corona vírus, sobretudo, diante de uma possível escassez de alimentos, uniu dirigentes da OMS

(Organizações Mundial de Saúde), FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura) e OMC (Organização Mundial do Comércio) em prol da importância de medidas que contribuam para minimizar tais impactos, unindo forças contra as restrições às exportações, bem como, sobre a importância de um ambiente minimamente seguro aos produtores e trabalhadores.

Entre as preocupações reveladas estão a diminuição da circulação de trabalhadores, especialmente, no setor de produção agrícola e de alimentos, que possam resultar na diminuição da capacidade produtiva, assim como os trabalhadores das fronteiras, acerca da necessidade de continuidade do processo de liberação e entrega, afim de evitar problemas de qualidade e desperdício nos produtos que aguardam por liberação para prosseguimento das entregas, sejam para abastecimento do comércio, ou das indústrias que os transformarão em produtos finais para o consumo.

Preocupações acerca de uma possível crise alimentar tem gerado debates entre líderes de países como Canadá, Egito e Itália, bem como na conferência promovida e divulgada pelo Canadá[5] com a presença dos líderes de 23 nações, realizada no dia 22 de abril de 2020. Foram destacadas a importância de um ambiente seguro para o comércio sem restrições as exportações a fim de garantir o mínimo de previsibilidade e minimizar oscilações significativas de preços e estoques, uma vez que medidas que restrinjam o comércio externo com o objetivo de garantir o abastecimento interno serão ainda mais prejudiciais, pois poderão interferir no fornecimento de insumos agropecuários, por exemplo, e impactar toda a cadeia produtiva gerando um risco ainda maior à segurança alimentar, tendo em vista que diversas nações do mundo, especialmente as em desenvolvimento, possuem forte dependência de importações de alimentos com regularidade.

Visando também promover e proteger a indústria de bens voltados para o mercado externo, o presidente Jair Bolsonaro, sancionou no dia, 27 de maio de 2020, mantendo-a em vigor até 24 de setembro do mesmo ano, a medida provisória de Nº 973 com a seguinte garantia: “As pessoas jurídicas autorizadas a operar em Zona de Processamento de Exportação ficam dispensadas de auferir e manter, no ano-calendário 2020, o percentual de receita bruta decorrente de exportação para o exterior de que trata o caput do art. 18.”

Zonas de Processamento de Exportação, ou simplesmente ZPE, são áreas destinadas à instalação de empresas voltadas à produção de bens a serem

comercializados no mercado externo. Tais empresas possuem regimes tributários, cambiais e administrativos diferenciados e poderão, dependendo da região em que a empresa esteja instalada, ter acesso a outros benefícios fiscais como redução do imposto de renda. Entretanto, como premissa para o acesso a cesta de benefícios, é exigida da empresa que arrecadem acima de 80% de sua receita bruta anual de venda de bens e serviços.

Outra medida apresentada, nesse caso pelo Banco Central, foi a dilatação no prazo máximo para contratação e liquidação dos contratos de câmbio para mercadorias e/ou prestação de serviços. Contratos de câmbio são ferramentas que validam operações financeiras envolvendo o Brasil e outras nações.

Precisamente, por meio da Circular nº 4.002, de 16/04/2020, o BACEN ampliou o prazo, que antes era de 750 dias, para 1500 dias, para os novos contratos fechados a partir do dia 20 de março de 2020, contemplando também os contratos de câmbio fechados em prazo anterior, desde que, estes últimos ainda estivessem em situação regular na data mencionada para entrar em vigor a nova medida. O objetivo principal da medida é fornecer uma alternativa para que as empresas importadoras preservem seus caixas e as exportadoras minimizem o risco de inadimplência, uma vez que em razão das medidas adotadas para a diminuição da contaminação e combate do covid-19, como fechamento do comércio, *lockdown* etc. em todo o mundo, eleva de forma significativa o risco iminente de uma possível retração do comércio externo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio brasileiro vem se destacando cada vez mais ao longo dos últimos anos, especialmente no mercado externo. Detentor do maior estoque de carne bovina e do quarto maior estoque de carne de aves do mundo, o Brasil tem alcançado resultados importantes no que diz respeito à produção e exportação de carne bovina, suína e de frango.

Este trabalho teve objetivo geral discutir a importância do setor agropecuário exportador brasileiro como indutor de crescimento no contexto da pandemia de covid-19. O estudo revelou que em função da desaceleração dos negócios, causados pela pandemia do covid-19 e pelas medidas de isolamento adotadas no combate e prevenção da doença, a taxa de desemprego, que há tempos permanecia dentro de patamares ditos como aceitáveis, inicia uma forte escalada alcançando resultados recordes e encerrando 2020 com 13,9%.

Mesmo diante de um aumento na taxa de desemprego, que afetou mais as mulheres, foi possível constatar um aumento no consumo das famílias, subsidiado pelos programas de transferências de renda, que durante a pandemia ganharam novos aportes e novas regras, contemplando assim microempreendedores e trabalhadores informais, além de desempregados.

No que tange ao desempenho das exportações de proteína animal, foi possível constatar, através dos dados analisados, o potencial e a hegemonia que o País apresenta frente a seus concorrentes, sobretudo em relação à carne bovina, que multiplicou em quase dez vezes o volume exportado no período analisado.

O aprimoramento contínuo do processo produtivo garantiu aumento de competividade e qualidade, que contribuíram para o cumprimento de exigências sanitárias mais aprimoradas, permitindo, assim, ampliar e atender novos mercados, o que resultou na abertura de novos parceiros comerciais, como a China.

Por mais que a performance das exportações se mostre favorável, considerando ainda o cenário otimista para o futuro em razão da crescente demanda mundial, inibida pela covid-19, faz-se necessária uma busca permanente por medidas que assegurem a qualidade e sanidade dos produtos, com o intuito de se alcançar mercados novos e cada vez mais sofisticados e exigentes, que ofereçam uma rentabilidade maior aos produtos exportados, sobretudo diante da forte concentração da exportação para países da Ásia.

Em outras palavras, essa forte dependência acende um alerta importante, pois qualquer mudança nas relações comerciais entre esses países poderá gerar uma queda súbita nas exportações e comprometer toda a cadeia de produção com impactos significativos no PIB brasileiro.

Esta pesquisa enfocou o setor de proteína animal com destaque para carne bovina. Para futuros trabalhos, deixa-se como sugestão uma abordagem mais minuciosa envolvendo também outras commodities que apresentam grande relevância dentro da pauta das exportações brasileiras, como por exemplo, minério de ferro, soja, milho entre outros. Recomenda-se, também, aprofundar a análise apresentando indicadores socioeconômicos dos setores estudados e fatores que determinam a sua trajetória.

REFERÊNCIAS

ABIEC. Associação Brasileira dos Exportadores de Carne. **Exportações,** São Paulo. 2021. Disponível em: <http://abiec.com.br/exportacoes/ >. Acesso em: maio 2021.

BALASSA, B. Trade liberalisation and “revealed” comparative advantage. **Manchester School**, v. 33n 2, p. 99-123. Disponivel em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9957.1965.tb00050.x>. Acesso em: jul. 2021.

BCB. Banco Central do Brasil. **Metas para inflação.** Brasília, 2021. Disponível em: < https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/metainflacao>. Acesso em: jun. 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.316, de 7 de abril de 2020. Regulamenta o auxílio emergencial. Disponível em: < https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.316-de-7-de-abril-de-2020-251562799 >. Acesso em: maio 2021.

BRASIL. Medida Provisória nº 973, de 27 de maio de 2020. Altera a Lei nº 11.508, de 20 de julho de 2007. Disponível em < https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=973&ano=2020&ato=ee3kXV65EMZpWT4d9>. Acesso em: maio 2021.

BUENO, S. O efeito da pandemia nas exportações. **FazComex Blog**, São Leopoldo, 5 de jan. 2021. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/efeito-da-pandemia-nas-exportacoes/>.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Pib do agronegócio brasileiro**. Piracicaba, 2020. Disponível em: < https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: julho 2021.

CNI. Confederação Nacional da Indústria. **Coronavírus e comércio exterior**. São Paulo: CNI, 2020. Disponível em: <https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/95/8b/958b8523-d2d6-47fe-a9af-e69268f44d81/cni_atualizacoes_covid-19_20201023.pdf >. Acesso em: maio 2021.

COUTINHO, S. E.; LANA-PEIXOTO, F.V.; FILHO, P.Z.R.; AMARAL, H.F. De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio externo. **Revista de Gestão**. São Paulo, out/dez 2005, v. 12, n. 4, p. 101-113.
Disponível em: < http://www.spell.org.br/documentos/ver/26827/de-smith-a-porter--um-ensaio-sobre-as-teorias-d--->. Acesso em: jun. 2021.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Carne em números.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/qualidade-da-carne/carne-em-numeros>. Acesso em: out. 2020.

FARMNEWS. Principais estados exportadores de Carne bovina do Brasil. **FARMNEWS.** São Paulo, 2020. Disponível em:

<http://www.farmnews.com.br/mercado/principais-estados-exportadores-de-carne/>. Acesso em: dez. 2020.

FIGUEIREDO, A. M. Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial. **Revista de Política Agrícola**, São Paulo. Jan/fev/mar. 2005, v. 14, n. 1, p. 09-16. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/526/0 >. Acesso em: jun. 2021.

FLORINDO, T. J.; Medeiros, G.I.B. Competitividade dos principais países exportadores de carne bovina: 2002 – 2013. **Revista de Economia e Agronegócio**, São Paulo. Set. 2015, v. 12, n. 1,2,3. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/292144215_COMPETITIVIDADE_DOS_PRINCIPAIS_PAISES_EXPORTADORES_DE_CARNE_BOVINA_NO_PERIODO_DE_2002_A_2013>. Acesso em: nov. 2020.

GESSULI, G. Peste suína africana ameaça China novamente. **Blog Suinocultura Industrial**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.suinoculturaindustrial.com.br/imprensa/peste-suina-africana-ameaca-china-novamente/20210426-085646-d967>. Acesso em: jun. 2021.

GESSULI, G. Peste suína africana: 60% dos rebanhos chineses dizimados nos últimos três anos. **Blog Suinocultura Industrial**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.suinoculturaindustrial.com.br/imprensa/peste-suina-africana-60-dos-rebanhos-chineses-dizimados-nos-ultimos-tres-anos/20210505-163122-y878fgvnoticias&utm_campaign=fgvnoticias-2020-10-14 >. Acesso em: jun. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

YAZBEK, P. Quanto faturam e quais martas tem BRF, JBS, Marfrig e Minerva? Quadro compara frigorifico e explica preferências dos analistas. **InfoMoney.** São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/quanto-faturam-e-quais-marcas-tem-brf-jbs-marfrig-e-minerva-quadro-compara-frigorificos-e-explica-preferencias-dos-analistas/>. Acesso em: jun. 2020.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MARC J., Marc J**. Economia Internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

LIMA, R. P. **Crescimento das exportações de carne bovina brasileira entre 2005 e 2015**: fatores econômicos. 2018. 84 p. Dissertação (Mestrado em Economia) Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8498>. Acesso em: set. 2020.

MDIC. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Comex Stat.** Brasília: MDIC, 2021. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/24869>. Acesso em: maio 2021.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **AgroStat.** Brasília:

MAPA, 2021. Disponível em: < http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: maio 2021.

MENEZES, T. C. Mudança no destino das exportações brasileiras de carne bovina. **Revista de Política Agrícola**, São Paulo. Abr. 2020, v. 29, n. 2, p. 50-61. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1525/0 >. Acesso em: nov. 2020.

NERI, M. Qual foi o efeito da pandemia sobre o mercado de trabalho. **FGV**. São Paulo, 2020. Disponível em: < https://portal.fgv.br/artigos/qual-foi-efeito-pandemia-sobre-mercado-trabalho?utm_source=portal-fgv&utm_medium=fgvnoticias&utm_campaign=fgvnoticias-2020-10-14>. Acesso em: Jun. 2021.

POZZEBOM, E. R. Aprovado pelo congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadão durante a pandemia. **Portal Senado Notícias**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/12/30/aprovado-pelo-congresso-auxilio-emergencial-deu-dignidade-a-cidadaos-durante-a-pandemia>. Acesso em: maio 2021.

RODRIGUES, L. M. S.; Marta-Costa, A. A. Competitividade das exportações de carne bovina do Brasil: uma análise das vantagens comparativas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, São Paulo. Maio 2020, v.59, n. 1, e238883. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/V8Lf9ydYvTVXzCHDZpyNcvM/?lang=pt >. Acesso em: nov. 2020. (ajustar o que está em vermelho)

SALATI, P. Frango, porco e ovo: porque os preços dessas proteínas podem subir mais. **G1**, São Paulo. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/06/01/frango-porco-e-ovo-por-que-os-precos-dessas-proteinas-podem-subir-mais.ghtml>. Acesso em: jun. 2021.

STEFANUTTI, H. H. **Determinantes das exportações de carne bovina no período de 2000 – 2018.** 2019. 34 p. Monografia (Título de bacharel em Ciências Econômicas). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2019. Disponível em: < https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/27569>. Acesso em: set. 2020

_____. Exportação no Brasil. **Portal da Indústria**. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-exterior/>. Acesso em: mar. 2021.

_____. Medida provisória reduz exigências e empresas de ZPEs durante a pandemia. **Portal Senado Notícias.** Brasília, 2020. Disponível em: < https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/28/medida-provisoria-reduz-exigencias-a-empresas-de-zpes-durante-pandemia >. Acesso em: maio 2021

_____. Auxílio Emergencial: Tudo o que você precisa saber. **Blog Educa Mais Brasil.** São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/auxilio-emergencial-tudo-o-que-voce-precisa-saber>. Acesso em: maio 2021.